

C.M.B./
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

DA TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silveira

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silveira

O PINTOR

Antónia Carneiro

BREVES CONSIDERAÇÕES

Por ANTÓNIO BAPTISTA

MUITOS pintores, talvez por uma tendência mórbida de mal-dizer, consideram António Carneiro um pintor medíocre. Mas esse critério, além de incoerente e insensato, só pode filiar-se na incompreensão do sentimento elevado que António Carneiro soube dar aos seus quadros.

Este pintor-poeta, cioso de se transmitir, sentia naturalmente o desejo de conviver com intelectuais onde a sua «ascensional actividade» fosse respeitada e compreendida, pois o seu poder de artista não se limitava ao enquadramento dos assuntos na tela, sentia, também, necessidade de escrever, de erguer do seu eu a mensagem do seu génio, que reuniu em «Solilóquios». Este livro contém alguns sonetos que são, realmente, a voz inspirada da sua alma, que sorveu da natureza a sua plenitude e com ela formou e firmou a emoção viva da beleza, que só um temperamento de eleição pode completar.

Em a «Lenda dos Martírios», trabalho concebido sob uma técnica inteligente e sóbria, que o tempo e os homens não podem diminuir ou menosprezar sem um arrepio fundo, conseguiu guindar-se ao respeito da crítica sensata e justa.

Em Paris, no meio desse mundo de artistas e de sábios, de poetas e de snobes, encontra certa aceitação e, implicitamente, um carinho de compreensão que lhe dá ensejo de conviver e discutir com os

maiores nomes de então, residentes naquela metrópole.

Entusiasmado pelo sucesso da «Lenda dos Martírios» e encantado pelos fumos da crítica, a sua alma voa mais alto e o desejo de subir e triunfar vitaliza-lhe a sensibilidade levando-o a pintar nova tela a que chama «Ecce Homo».

Neste período da sua vida, Paris, a cidade dos poetas e dos pintores, dos boulevards e da moda, vive um período novo nas artes e nas letras, período que culmina no *Simbolismo* e que há-de ser, depois, o precursor de uma série de escolas, que nem sempre farão escola.

António Carneiro não podia furtar-se à influência dessa escola e, assim, depressa se rodeia de amigos que lhe dão o valor da sua amizade e o estímulo, tantas vezes necessário, para não sucumbir no meio do caminho.

Zola pontificava com os seus livros onde a vida se consubstanciava com a ideia e onde esta plasmava já expressões modernas com vincado sabor naturalista.

Todo este desenrolar de novos temas e de novas formas havia de arrastar também a sensibilidade do pintor norteño a quem, ainda hoje, só a medo se tecem os elogios, que ele, merece, pois não restam dúvidas que ele foi, como diz Joaquim Lopes «um dos maiores desenhadores e pintores que em Portugal têm existido».

Para aquilatar do valor de um pintor não é necessário

Um soneto do poeta Barcelense

António Fogaça

No meu jardim, num cedro em que a frescura e a flor da novidade vêm brotando, poisa, por vezes, um ditoso bando de alegres rouxinóis, entre a verdura...

Quando ali vou, tristíssimo, à procura de sossego e de luz, de quando em quando, sinto-os vir e poisar, oiço-os cantando, no doce idílio duma paz obscura.

E, desditoso, eu lembro com saudade, último brilho do meu peito ardente, que anuiu também, num íntimo vigor,

sobre o flóreo jardim da mocidade, cantaram na minha alma alegremente, como no cedro, os rouxinóis do amor!...

O pensamento do mês

Quando me fazem uma ofensa, procuro erguer a minha alma tão alto, que a ofensa não possa chegar até ela. — **Descartes.**

observar toda a sua obra mas tão somente os seus trabalhos mais representativos e que ele plasmou com o intuito de levar a exposições único meio de ser criticado e visto pelo público.

Vargas Villa, tem um conceito de arte que não será inoportuno deixar de trazer para aqui. Diz ele que «a arte é a mais poderosa das voluptuosidades cerebrais, onde se combinam estranhamente as fe-

bres da Beleza e da Morte, fundindo-se numa só».

Por todas as razões e ainda a título de divulgação não será improficuo afirmar que a última exposição realizada na Escola de Belas Artes do Porto falou mais alto e disse tanto de António Carneiro, que a sua consagração foi espontaneamente aceite e respeitada por todos que tiveram a sorte de admirá-la.

Os melhores contos dos melhores contistas

A MORTE DO RIACHO

CONTO DE ARMANDO TAVARES

ABRIRA curvas desde a nascente, saracoteando como uma andaluza, pela serra abaixo, ténue no verão e pujante no inverno. Pelo caminho, os salgueiros quiseram tolher-lhe os ímpetos, travando-o com as raízes. O riacho descarolou-as e abriu pequenas enseadas nas margens de terra mole.

No percurso ingrato, mais para o sopé da serra, a desagregação encheu-lhe o leito de pequenas pedras. O riacho entretinha-se a jogá-las, até as polir e arredondar. Nas secas, as pedras brancas brilhavam ao sol como ossos desligados de esqueleto monstro.

A torrente do riacho era serena e sempre igual. Pelo caminho, as azenhas esperavam-na, e os açudes, feitos à matroca pelos moleiros, davam-lhe berço. Então o riacho, ainda mais sereno e calmo, escorria a sua toalha em cachoeiras aveludadas, que o sol fundia em lâminas de adaga.

O riacho não invejava os grandes rios. Os Nilos, Amazonas e quejandos não lhe tiravam a senhoria da veiga. O vale era seu, unicamente seu.

Saracoteando-se, quebrando-se por vezes, rasgando a terra ao jeito de minhoca, o riacho deslizava pelo vale com a justa calma que lhe dera a precipitada descida. Quando atingia a planície, deixava na encosta a espuma do seu esforço a borbulhar.

Atravessava dois lugarejos, até se entregar todo ao grande rio que o esperava mais longe.

As hortas sorviam-lhe a água e esverdeavam as margens, atapetando-as como para procissão. Não o feriam os passadiços de pedra solta, e, quando, no verão, o rapazio das escolas o assaltava e lhe rasgava a fieira da corrente, o riacho parecia demorar-se, como se gozasse com a balbúrdia.

Numa destas vezes, teve de arrastar até à roda de uma azenha um pequeno cadáver. A culpa não era dele, valha a santa verdade, mas dos homens, que, ao despontarem um choup, deixaram no seu leito gálhudo ramo.

O rapaz atirou-se de cima duma poldra e o pescoço ficou entalado na fisga poderosa. O riacho esforçou-se para se desvenencilhar da incómoda rama, e arrastou-a, ao correr do pélo, córrego abaixo, até à azenha.

Lançaram-lhe então a ex-

comunhão. Numa manhã, o padre da aldeia, os seus acólitos e todo o povo, perto da azenha, ergueram protestos contra a fúria do ribeiro, impérios que não deviam ter chegado ao céu.

Feixes de trovisco caíram nas águas, e os peixes, que eram o seu ai-jesus, foram ficando por ali abaixo, envenenados.

O riacho manteve a sua indiferença às fúrias dos homens e continuou a sua marcha. Fazia de espelho às filhas dos moleiros e banhava as messalinas que se entregavam aos ceifeiros nas tardes soalhentas e cruéis.

Por onde passava, a paisagem não mudava de andaina: era sempre verde e perfumada, sempre viçosa e fresca. Da sua força saía o pão, da sua carícia a verdura.

Belo riacho que um dia morreu!

Um dia, uma turma de homens, com picaretas ao ombro, subiu a serra. Alguns desdentavam-se no riacho, porque o calor escaldava a crosta da terra, fundia-a, e, na veiga, o sol espanjava-se com tal ardor, que as sombras, assustadas, fugiram para debaixo das árvores.

Outros mergulhavam o rosto no regato intranquilo, deixavam que a água lhes escorresse pelo pescoço e lhes encharcasse o peito.

A serra subia, cavalgada pelos penedos hediondos e quentes, sem pardal a animá-la. De entre as estevas, pulavam os gafanhotos brincalhões.

Apegava-se aos homens a goma derretida das estevas, como a impedi-los que andassem.

É que, a meio da encosta, onde o riacho curva um abraço para estreitar a si uma rocha, aparecera minério.

O pequeno riacho começou então a ser emporcalhado pela saibrada, que o amarelecia. Mais esforço teve de fazer para debandar pela serra, porque o feriam as pedras que lhe encaroçavam o leito tortuoso. O riacho criou novos ímpetos e gálvou a serra, teimoso, fiel ao córrego primitivo.

Os homens terminaram por vencer a seu jeito aquele pequeno capricho da Natureza. Abriram nas rochas profundos buracos para tiro, porque o veio do minério, cioso da sua valia, se escondia na madre de granito.

Na madrugada, a serra acordou como num pesadelo. Es-

Festival Comemorativo do 5.º Aniversário do Boletim Social da TEBE

PASSANDO no próximo mês de Agosto o 5.º aniversário do «Boletim Social da TEBE», deseja este mensário, comemorar aquela data, promovendo um Festival a realizar em 26 de Julho, no Parque Municipal, de Barcelos, pelas 21,30 horas.

O programa deste Festival será anunciado na Imprensa local e na Imprensa do País, oportunamente.

Antes deste Festival, haverá ainda os seguintes números comemorativos da passagem do 1.º Lustrro deste Boletim:

De manhã—às 10 horas—Missa por alma dos sócios e trabalhadores da TEBE já falecidos.

De tarde—às 16 horas—Torneio relâmpago, de hoquei em patins, para a conquista da Taça TEBE—troféu oferecido, pela Gerência da Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a—TEBE, por três das melhores equipas praticantes da modalidade no Norte do País.

Deseja-se salientar que o produto do Festival acima mencionado, reverte inteiramente a favor da obra social—CASA DOS RAPAZES, de Barcelos.

EXÍLIO

Caras que não conheço e todas se conhecem
Nesta terra de exílio, aonde agora habito;
Onde sou estrangeiro e até talvez proscrito
Aonde em fogo de iras meus ideais aquecem.

E revigoro a ideia e sinto reverdecem
Meus férvidos ideais em âmbito restrito:
—A jaula do meu peito, o antro do delito
Onde meus vivos sonhos, calmos imudecem.

E nesta terra estranha eu não conheço alguém
Com quem desabafar a dor que traço em mim.
A dor que faz Sibéria o riso de desdém

Que paira em minha boca, a arder como rubim.
Assim mantenho virgem meu ideal «por bem»
...Sózinho levarei a minha cruz ao fim!

Artur Cojal

tremeceu de susto e de dor. A explosão da dinamite sobressaltou a aldeia. A serra abriu-se, o ventre rasgado pela cesariana ambiciosa. Pela vertente, as rochas desfeitas rolaram, atropelaram-se, as estevas amoldaram-se ao cortejo, e as pedras fendidas, em carne viva, estatelaram-se no riacho, fragorosamente, impedindo-lhe o passo.

A nascente do regato, lá em cima, sangrara o seu último jacto. Tapou-a a avalanche.

O riacho morrerá. Sobre a nascente, por muito tempo, demorou a fumarada da explosão.

A veiga amareleceu, e o córrego tortuoso, vazio, mostrando ao sol o ventre encascalhado e inútil, risca na paisagem um traço triste e desolador, uma cicatriz rugosa e funda.

Paralisaram as rodas das azenhas e os leques dos moínhos, e as hortas são agora campos cinzentos onde as ervas nascem secas...

Barcelinhos em Festa A TEBE vista por dentro

POR ADRIANO FARIA

No 37.º aniversário da fundação da sua corporação de Bombeiros

DEPÓS de se cumprir o programa conforme havia sido determinado e que compreendeu uma missa, onde assistimos, e, posteriormente, a costumada romagem ao Monumento ao Bombeiro, cumprimentos às autoridades, cerimónias evocativas dos que tombaram em holocausto do dever, em ambos os cemitérios — Barcelos e Barcelinhos, durante a ceia, numa apoteose de afirmações convincentes, enalteceu-se a obra e o valor do bombeiro.

Na mesa de honra encontravam-se os Ex.^{mos} Srs. Dr. José Machado, Presidente da Direcção dos B. V. de Barcelinhos; Dr. Luís Novais Machado, Presidente do Município; Pároco de Barcelinhos e Mário Campos Henriques, que representava os B. V. de Barcelos. Igualmente se encontravam na mesma mesa os Snrs. Comandante da G. N. R., Manuel Augusto Vieira, Dr. Eurípedes de Brito e ainda outros personagens de relevo da vida local.

Na altura dos brindes falaram os Snrs. António Ferreira Júnior, Rev. Marcelino da Conceição, Dr. Araújo Barros, Dr. Arlindo de Magalhães, António Baptista, Carlos Martins, Rev. António Mariz e Presidente da Câmara. Agradeceu o Snr. Dr. José Machado.

*

Foram galardoados com as medalhas de 20 e 10 anos de serviço os bombeiros n.º 19 e 20, respectivamente Francisco José Pereira e Manuel Luís Rodrigues.

Transcrevemos, a seguir, algumas passagens do discurso do nosso Director:

Ex.^{mo} Snr. Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos

Digníssimos Comandantes

Digníssimas autoridades: civis, religiosas e militares

Minhas senhoras e meus Senhores:

É com a mais significativa alegria que me encontro aqui, uma vez mais, para render a minha homenagem a estes homens que, irmanados na função dum dever que os transcende cumprem uma das mais belas missões e que bem pode traduzir-se na seguinte legenda: VIDA POR VIDA.

É sempre grato aos espíritos bem formados não esconder o dever da justiça, e é por isso que entendo, com toda a paz da minha alma, que se torna necessário, hoje como ontem, vitalizar vontades adormecidas, esclarecer inteligências narcotizadas e insuflar na gente moça o culto pela nobre função de bem servir uma das causas mais sublimes e mais edificantes: a nobre causa dos bombeiros voluntários.

Têm-se feito congressos, paradas, desfiles, manifestações apoteóticas, mas nunca se fez ainda um apelo formal e inteligente àqueles que, despidos de quaisquer preocupações espirituais, ainda não compreenderam que ser bombeiro é uma honra dignificante, que não pode, superficialmente ser descrita porque ela engloba o fermento viril do sacrifício, da renúncia pelo

conforte e o desapego pelos prazeres fugazes, numa palavra: a essencialidade do voluntário só pode traduzir-se, sem limitações de conceitos e esclarecida clarevidência, ao longo da linha inflexível de tantos acontecimentos, que a história trouxe até hoje,



António Augusto Veloso de Araújo

Estimado 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos

numa parada de sacrifícios incomensuráveis, de mutilações várias e, até, de inenarráveis desastres, cenário bem conhecido na escalada desses bravos anónimos, que recebem, como prémio dos seus feitos estoicos, os aplausos da consciência e, às vezes, uma singela medalha, único património material que perdurará pela vida fora. E essa medalha, espiritualizando a coragem e a abnegação, é um prémio e, ao mesmo tempo, uma lembrança, mas que vale como tradução

A fim de proporcionarmos aos nossos amigos leitores um pouco do ambiente interno, abrimos hoje esta nova secção, no nosso «Boletim», com o título supra-mencionado.

Para seu início entramos hoje no Armazém de malhas acabadas sob o encargo do dinâmico Pedras, auxiliado pelo nosso amigo António Augusto Figueiredo. Eis o nosso camarada que vai honrar a inauguração desta coluna, por ser um amigalhaço e verdadeiro recorder do trabalho.

Dos seus 16 anos apenas, há pouco que o Figueiredo ingressou neste bloco imenso onde cerca de 800 trabalhadores labutam pelo bem estar.

Dir-se-ia que na sua aparência de pacato, o nosso homem dava aspecto de ter nascido cansado para o trabalho; mas foi um puro engano. É o braço direito do Pedras, podendo-o substituir nos seus labores, com tal competência, que as próprias malhas se movem de per si devido ao grande esforço do Figueiredo.

O seu aspecto risonho e falador, não impedem que as malhas se não encontrem devidamente arrumadas nos respectivos lotes, nem que as secções de acabamentos não sigam o ritmo normal de trabalho por falta de matéria prima.

Respeitador dos patrões, do seu chefe de secção bem como de todo o pessoal, Figueiredo conquistou, com jus, a amizade de todos quantos aqui trabalham numa fraternidade inigualável.

Numa das nossas entrevistas com o nosso homem de hoje, é-nos grato registar uma das suas confidências que agradavelmente nos segredou: Caros amigos; dou-me maravilhosamente nesta Empresa, respeito e sou respeitado mas há uma coisa que me desgosta, principalmente nos dias quentes, transpiro bastante das mãos e por que as malhas o exigem e a minha dignidade o requer tenho de, constantemente, as passar por água para que tudo corra bem.

Tem razão o nosso camarada porque as malhas TEBE exigem, aliadas ao bom gosto, a limpeza e asseio com que são apresentadas ao público.

Por hoje terminamos assim, prometendo proporcionar futuramente aos nossos leitores além da tribuna alguns aspectos internos.

do dever cumprido e cujo poder é tão grande que faz chorar, por vezes, de comoção o homem que honradamente pôde merecê-la.

E mais adiante afirmou:

O Monumento ao Bombeiro, é a voz do presente a projectar-se no futuro sintetizando o amor daqueles que, irmanados nos altos princípios da solidariedade humana, não podem menosprezar nem mergulhar no olvido o valor do bombeiro, intrínseca e extrinsecamente, como ser que se dá, de alma aberta e sem preocupações de recompensas materiais, caminhando para o incêndio ou para o perigo, no imperativo comum de salvar as vidas e haveres dos seus semelhantes.

E, quantas vezes, irmanado nos escombros e envolto de chamas, numa luta titânica e desigual, tomba para sempre em holocausto do dever cumprido.

É ASSIM A VIDA DOS BOMBEIROS.

Continuando, disse:

Portanto, a razão de ser das minhas despretensiosas considerações não é outra senão a de trazer a este ambiente o clima próprio e a voz da justiça analisada por um ângulo que parece de boa reflexão.

Se as minhas singelas considerações nenhum interesse tivessem

além da boa intenção com que foram escritas, teriam, certamente — creio eu — o da benevolência inteligente e sensata dos que me escutam.

Depois concluiu assim:

E agora, erguendo a taça pela vossa marcha triunfante e auspiciosa, peço a todos os presentes que me acompanhem rogando aos digníssimos comandantes das duas corporações irmãs que, num abraço, sincero e significativo, traduzam hoje e sempre a crescente amizade das duas nobres e prestantes corporações.

«Boletim Social da TEBE» agradece a gentileza do convite e deseja à corporação barcelinense as maiores prosperidades.

BOLETIM SOCIAL DA TEBE

A publicidade no nosso «Boletim», só se fará nos números comemorativos de aniversário.

— Por conveniência de serviços, a administração do «Boletim» funcionará na Tipografia «Vitória», que, de futuro, se encarregará de tudo correlacionado com estes serviços.

— O próximo «Boletim» referente a Julho será integrado juntamente no de Agosto, comemorativo do 5.º aniversário, que este ano será festejado condignamente.



Dirigida por Waldemar Esteves

TAÇA DE HONRA

ESTÁ este torneio a tornar-se demorado. Depois da interrupção, motivada pela realização do Campeonato do Mundo e não falando já, do sábado seguinte, que quanto a nós não justificou a não efectivação de jogos, esperava-se que a Associação mandasse realizar duas jornadas semanais, o que não aconteceu.

Por este andar, teremos o campeonato do Minho prolongado por os meses de Agosto e Setembro, o que traz sérios embaraços aos clubes e aos praticantes.

Aos clubes, porquanto vêm as receitas diminuídas, com a ida da maior parte dos espectadores para as praias e aos jogadores, porque sendo esses meses, normalmente os das suas férias, obrigam-se a deslocações que ficam sempre onerosas, além do prejuízo físico a que são sujeitos.

Apelamos para a Associação no sentido, de pelo menos, já que mais nada se pode fazer, começar o campeonato logo no fim deste torneio.

W. Esteves

Disputaram-se nos dias 14 e 21 de Junho, as 3.^a e 4.^a jornadas da TAÇA DE HONRA.

Os resultados foram os seguintes:

3.^a jornada

TEBE, 2 — Académico de Braga, 1
Oquei C. de Barcelos, 1 — FAC, 4
Taipas, 3 — Vianense, 5

4.^a jornada

Oquei C. de Barcelos, 2 — Taipas, 3
Académico de Braga, 3 — Vianense, 7
FAC, 4 — TEBE, 2

Classificação

1.^o — Vianense. 2.^o — FAC. 3.^o — TEBE.
4.^o — Académico de Braga. 5.^o — Taipas.
6.^o — Oquei C. de Barcelos.

VOLEIBOL

Parece que o nosso último artigo influiu um pouco «nos ânimos em letargo», porquanto notamos já alguma actividade, nos elementos que se propuseram a criar esta secção.

Visado pela Comissão de Censura

Campeonato do Mundo de Oquei em Patins

ORIGINOU vasta polémica entre os aficionados da modalidade, (pelo menos no nosso meio) o empate de Portugal, com a eterna rival, a Espanha. Uns diziam que pelo desenrolar do jogo, Portugal não merecia o empate.

Ora nós arriscamos uma pergunta: depois de estarmos a perder por 2-0, uma recuperação até levar à igualdade, é ou não só própria de uma grande equipa? Se acontecesse o contrário, Portugal a vencer por 2-0, a Espanha chegaria ao empate? Deixamos as respostas aos nossos leitores, mas arriscamos a opinião pessoal desfavorável a esta segunda hipótese.

A equipa portuguesa, certa durante quase todo o campeonato, só claudicou, no valor das suas exhibições, frente à Bélgica e Espanha. À primeira vencemos com merecimento e com a segunda empatamos. Estes dois fracassos (se assim se pode chamar) da equipa das quinas, não lhe tiraram o jus ao título.

Foi com alegria que vimos em Montreux aparecer esta esta nova equipa e no Porto, toda a gente compreendeu que estava dado o passo, ansiosamente esperado, para confirmar e ascender ao prestígio, que lentamente vínhamos a perder.

Aos continentais, mais uma vez o título de Campeões do Mundo pesa muito, para que se não continui como até aqui. É necessário trabalhar, e muito, para voltarmos aos tempos idos, certos que material não falta, o que vem faltando é orientação e persistência.

W. Esteves

Noticiário

Carvalho, novamente a braços com problemas de saúde, abandonou temporariamente a prática do oquei em patins. Auguramos-lhe rápidas melhoras.

|||||

Magalhães (ex-Vitória de Guimarães) ingressou na Filial deste clube, o Vitória de Barcelinhos.

|||||

Manuel Matos (ex-Vitória de Barcelinhos) já alinhou pelo Clube D. da TEBE, em alguns jogos da «Taça de Honra».

— Ranito já reapareceu, embora por cautela a sexto, no nosso Clube, o que registamos com satisfação.

Ginástica

Um grupo de culturistas Barcelenses, está a tentar por todos os meios, um salão-ginásio. Têm deparado com diversos entraves, mas até ao momento mantêm firme a ideia e o propósito.

Bom seria que todas as facilidades lhe fossem oferecidas, porque Barcelos necessita de centros, onde a juventude possa prender-se durante as horas livres, fugindo ao pernicioso ambiente de café.

Nada há na nossa terra onde se possa passar umas horas, quer de estudo, ou cultura física.

O Parque da Cidade espera a electrificação e, não sendo este local, onde se pode gozar um pouco de ar puro? Na meia dúzia de bancos do Jardim 5 de Outubro? — W. E.

Piscina e Praia Fluviais

COMO sempre temos pugnado pelo engrandecimento da nossa cidade, é com profundo pesar que vimos levar ao conhecimento dos nossos prezados leitores os enormes prejuízos causados pelo último temporal na piscina e praia fluviais que o Grupo Desportivo de Barcelinhos, em tão boa e feliz hora resolveu instalar na margem esquerda do frondoso e limpo Rio Cávado e que tanto contribuiu, quer para o embelezamento do local, quer para o desenvolvimento dos desportos náuticos, especialmente da natação.

Ainda não se encontrava completamente feita a montagem aquando do recente temporal e conseqüente cheia do rio, a qual destruiu quase completamente todas as instalações, da praia e da piscina, conseqüidas através de enormes canseiras e sacrifícios dos directores que de há anos vêm gerindo os destinos de tão simpática e prestante colectividade, que tantos triunfos e títulos tem conseguido para o engrandecimento da nossa querida terra, aumentando o seu prestígio, espalhando o seu nome e tornando mais conhecidos os seus pontos turísticos, nos quais o Rio Cávado tem papel de grande preponderância.

Lamentando, pois, o sucedido, vimos lembrar a todos os nossos leitores e aos barcelenses muito especialmente, a necessidade do seu auxílio a tão prestante e valiosa, como já necessária iniciativa, da qual nos não desejaríamos ver privados no ano em curso e nos meses de calmaria que se aproximam.

Ofereçamos o nosso auxílio material, por modesto que possa ser, à Direcção do Grupo Desportivo de Barcelinhos, para assim se conseguir erguer de novo a piscina e a praia fluviais, imprescindíveis já aos barcelenses e aos que nos visitam.



(Continuação da página 6)

sinais de pista, aos nós, etc., etc.!... Impõe-se mudar de mentalidade.

Um caminheiro é um jovem que se propõe corajosamente o estudo de coisas sérias, reais, que se pretende preparar para a vida tal qual como ela é.

Por isso é preciso que as reuniões da Equipa sejam de facto, fontes de entusiasmo para levar por diante programas de acção viris, úteis e proveitosos.

De um modo geral podemos afirmar que as reuniões e outras actividades para caminheiros só merecem consideração quando os temas de estudo ou os pontos de acção forem de interesse espontâneo para todos os rapazes, isto é, que eles verdadeiramente os queiram e lhes interessem vivamente esses assuntos e o seu modo de execução. São os próprios caminheiros que devem dizer os temas que mais lhes agradam tratar.

Mais: um programa para caminheiros só é bom na medida em que os rapazes sintam que podem convidar os seus amigos não escuteiros, ou outros jovens da sua idade (18 a 20 anos) a participar ou a assistir a essas actividades, sem receio algum de se envergonharem da «infantilidade» das discussões.

Um rapaz de 20 anos gosta de falar de cinema, de raparigas, de automóveis... Pois o Clan deve discutir também esses assuntos, sublinhando evidentemente as conclusões, mas estudando realidades. E o grande papel do Clan será o de habituar os caminheiros a reflectir com seriedade sobre os problemas do dia a dia que a gente vulgar e «sem alma» banaliza à mesa do café.

Os jovens da nossa cidade gostam de cinema? Apreciam a parte técnica e artística do filme? Costumam discutir os casos de justiça e de moral que o cinema por vezes apresenta? Haverá possibilidade de fundar um Cine-Clube ou até mesmo conseguir do empresário local uma mais sã e criteriosa (sob o ponto de vista moral) selecção de filmes?

Eis algumas das questões que podem ser estudadas pelo Clan. Qualquer outro assunto, porém, tem sempre possibilidades de ter uma orientação proveitosa

e atraente, como por exemplo, o namoro, a leitura de livros e jornais, a participação da população na vida administrativa local — interesse pela vida camarária, do tribunal, das juntas — especialmente pelos elementos do Clan, etc., etc.

Muito há que dizer. Dentro de um Clan há equipas, que se devem constituir para a execução de determinadas «missões», de acordo com as características do Serviço. Unidade, porém, só há uma: O CLAN!

Portanto, na sede, isto é, na BASE, não haverá mais cantos de Equipa, mas sim cantos por especialidades, como por exemplo, a secção de topografia, de arte, de leitura, de desporto, etc., etc. A equipa terá, quando muito uma gaveta para arrumar os seus papéis, porque nem sequer tem material privativo. Cada caminheiro tem o seu material individual — condição indispensável — e o Clan tem o colectivo.

E por falar em BASE, convém acentuar que não é próprio de homens como os caminheiros, ter as paredes enfeitadas com laços, pistas, índios, e outras curiosidades do tempo em que tínhamos 14 anos.

E preciso que a base seja confortável e atraente, com uma ou outra revista ou jornal, livros actuais, se possível telefonia, etc., etc.

Enfim, tenhamos em conta de que mais agradável será perder uma hora num café qualquer a dizer e ouvir banalidades do que ter de «aturar» uma reunião com eternas recapitulações sobre os nós de amarrar ou o modo de tratar uma queimadura. Por isso ajudem todos e tragam novas ideias, novas iniciativas para o vosso Clan.

NOTICIÁRIO

Correspondentes

Todos os escutas que quiserem trocar correspondência com irmãos escutas de qualquer ponto de Portugal ou do Estrangeiro, podem facilmente conseguir correspondentes.

Basta num simples postal indicarem o seu nome, morada, idade, secção a que pertencem,

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — António Figueiredo da Silva e Maria da Graça Pereira.

DIA 2 — João Correia Lopes.

DIA 3 — Avelino de J. Faria.

DIA 5 — Maria Alice Baptista Pereira, Rosa Alves Pereira e Maria do Carmo P. Lamela.

DIA 6 — Maria Amélia Lopes Machado, Maria dos Prazeres S. Pereira, Teresa de Jesus Moreira e Maria do Sameiro G. Areias.

DIA 7 — José Olímpio Neiva.

DIA 8 — Maria Dolores de Jesus Vilas Boas e Maria Idalina Arantes.

DIA 9 — António da Costa Figueiredo e Maria da Conceição F. Gomes.

DIA 10 — Alzira da Conceição Araújo e Maria Helena C. Pereira.

DIA 11 — Ana Leal Ribadas e Maria Luísa G. Figueiredo.

DIA 12 — José Maria da Silva Freitas, Albina Lopes Boaventura e Maria de Jesus Pimenta.

DIA 13 — Ana da Silva Pereira e António Faria C. Viana.

DIA 14 — Deolinda de Sousa Loureiro.

DIA 15 — António Luís Alves Correia, Maria Laura Pimenta e Emília Pereira Lopes.

DIA 16 — Justina de Faria Fernandes.

DIA 17 — Ana da Conceição F. Monteiro.

DIA 18 — Francisco Leonel N. Veloso.

DIA 19 — Maria do Sameiro G. Martins e Maria de Lourdes M. dos Santos.

DIA 20 — Maria Aurora Araújo e Ana Rodrigues de Araújo.

DIA 21 — Adriana Lima da Costa, Maria Teresa A. Loureiro, Jacinto Duarte Gomes e Ana de Jesus F. Barbosa.

DIA 22 — Manuel Martins Remelhe.

DIA 23 — Candido Araújo.

DIA 26 — Maria Emília S. Martins.

DIA 28 — António Martins.

DIA 29 — Idalina Sá Pereira da Silva, Claudina Rosa A. Ferreira, Maria Emília P. Amaral, Joaquim Gonçalves Correia, Maria Hermínia Ricardo Lourenço e Florinda da Silva Azevedo.

DIA 30 — Rosa da Conceição Fernandes.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

Deveres do intelectual

São valores substanciais, no mundo da cultura, a ciência, a moral, a arte, a justiça. O homem em sociedade não poderá escusar-se a defendê-los e cabe-lhe a responsabilidade quando tais valores são postergados nas relações interindividuais.

Não repugna admitir que existe um classicismo eterno, independente das teorias e das escolas, sempre que exprime, em obras compreensíveis, fortes e sinceras, emoções estéticas servindo-se da técnica aprendida nos mestres e renovada pelo estudo das ciências e da natureza. — *M. Teixeira Gomes.*

e o correspondente que desejam.

No caso de quererem responder-se com o estrangeiro, devem indicar o País e o idioma ou idiomas em que poderão escrever. Mandar o postal para a Redacção da «Flor de Lis» — Intercâmbio de correspondência — Rua de Santa Marta, 47-1.º Dt.º Lisboa, que esta editorial indicará oportunamente o nome e morada do correspondente.

Conselho Nacional

Nos passados dias 14 e 15 de Junho o Conselho Nacional do C. N. E. esteve reunido em Fátima.

Foram tratados diversos assuntos relacionados com a expansão do Escutismo no nosso

País, bem como de alterações e modificações ao actual Regulamento do Corpo Nacional de Escutas.

Procuraremos no próximo número dar aos nossos leitores um resumo do que foi tratado naquela reunião de chefes.

A Fechar

Que fizeste, escuteiro, durante o mês que há pouco findou?

Talvez bastante pouco. Não haverá à tua beira um pobre que careça do teu carinho, da tua amizade, de sentir que é estimado por alguém?...

Afinal, quem melhor do que tu poderá descobrir o que podes fazer para que os que te rodeiam sejam um pouco mais felizes?



O ESCUTEIRO E O CAMINHO

Por JAIME FERREIRA

VAMOS hoje falar um pouco sobre caminheiros, melhor sobre o «Caminho». Um escuteiro entra para o «Clan» para ser caminheiro!... Esta verdade tão elementar parece que nem todos a compreendem como deve ser. É, portanto, preciso sublinhar que os programas de acti-

vidades, as atitudes e os temas de discussão devem ser convenientemente escolhidos e tratados a um nível adequado.

Em primeiro lugar é necessário quebrar com o passado, isto é, deixar definitivamente o tempo de explorador para trás, não continuar ligado aos jogos, aos

(Continua na página 5)

Nobres figuras femininas

ERA uma vez... Há muitos anos, em princípios do século IV, nasceu no Norte de África uma menina a quem foi dado o nome de Mónica.

É o exemplo da sua vida que hoje venho trazer muito especialmente àquelas que, esposas e mães, já conheceram agruras na vida — e mais especialmente ainda às que se encontrem em época de trevas idênticas às que — há tantos séculos — Mónica soube enfrentar e vencer.

Casaram-na muito jovem, quase criança. Naturalmente esperou encontrar em Patrício um guia, um amigo, um esposo fiel, bom, terno e indulgente.

Amou então com todas as forças dum grande coração, e com todo o ardor duma juventude sã e pura, esse marido — que levado pela leviandade da sua natureza e pela sede de prazeres, não tardou a traí-la.

Que fazer?

Irritada, justamente ferida, deixar aquele que tão indigno se mostrava?

Não. Cristã, lembrou-se do conselho do Apóstolo: «o marido infiel é resgatado pela mulher fiel» — e aplicando a si essas palavras, aceitou-as como a sua missão, e... ficou, corajosamente.

Mas esse esforço — que tantas mulheres julgariam sublime — não foi suficiente ainda para Mónica. Quantas, no seu caso, teriam desabafado em censuras amargas... Ela calou-se, fingiu ignorar as infidelidades do marido — nem sequer o humilhou com um perdão... — mas multiplicou os seus esforços para ser sempre (como mais tarde teste-

munhou seu filho), digna de admiração e amor.

Velava pela sua casa, cuidava da sua apresentação, tornava-se cada vez mais atraente, conservando-se sempre honesta e pura.

Passaram anos... (Quantas lágrimas ocultas não custou essa luta serena?). Lentamente, muito lentamente, Patrício foi vendo que em nenhum outro lar se sentia tão bem, em nenhuma outra mulher encontrava tanta beleza e encanto tão atraente... E, se não confessou a sua falta, começou a sentir remorsos, e a voltar a um carinho, que reanimou a esperança no coração de Mónica.

Rezava e esperava, dedicava-se e continuava amável... Então Deus — depois de sofrimentos só d'Ele conhecidos — trouxe-lhe Patrício outra vez!

Por fim, atraído cada vez mais, deu-lhe a maior das alegrias: converteu-se à Fé que tinha feito dela a mulher forte que o resgatara!

A sua missão não estava terminada. Patrício morreu cristão, amando-a e abençoando-a, mas restava-lhe o filho, Agostinho, de espírito desgarrado por heresias, de costumes corrompidos por más companhias.

E durante dezoito longos, dolorosos anos, Mónica chorou, rezou, suplicou a Deus que lhe trouxesse o filho ao bom caminho, expiou na sua carne inocente os pecados de Agostinho.

Uma vez mais persistiu e venceu! Foi ele próprio (mais tarde o famoso Bispo de Hipona, o grande Santo Agostinho) que escreveu:

«Como poderia o Senhor desprezar o coração contrito e hu-

Perfil do Infante D. Henrique

Pelo Comandante EDUARDO LUPI

(Continuação do número 58)

MAS todas as referências dos cronistas às embarcações empregadas na navegação atlântica e nos descobrimentos africanos, ordenados por ele, indicam exuberantemente que assim deve ter sido. D. Henrique começa por empregar o que já existia, barcas e barinéis, as primeiras com pano redondo, os segundos com pano latino, segundo se diz, mas nem por isso inteiramente satisfatórios, visto deixarem de ser usados: Gil Eanes monta o Bojador em 1434 com uma barca, que utiliza de novo no ano seguinte quando torna lá com Afonso Lopes Baldaia, este capitaneando um barinel — dir-se-ia até que para confronto entre os dois tipos. Mas escreve Zurara que em 1446, apenas doze anos depois do Bojador, já se contavam por 51 as caravelas expedidas de Portugal pelo Infante na empresa do Descobrimento: por tal sinal que todas regressaram, o que muito abona as suas qualidades náuticas e a perícia dos mareantes. Sobre a excelência das características do tipo, no tocante à função que lhes era confiada, são profusos os elogios de nacionais como Garcia de Rezende e de estrangeiros como Aloise Cada Mosto. E desde o seu aperfeiçoamento, no tempo do Infante, não deixam de ser as caravelas empregadas na marinha militar portuguesa até ao século XVIII. Vale bem a pena ler o belo livro «A Caravela Portuguesa» de Quirino da Fonseca, que esgota a matéria à luz da documentação até ao presente conhecida em Portugal e no estrangeiro.

Mas afeiçoada a ferramenta há que aprender a manejá-la. Os mareantes ainda não sabem navegar fora das vistas da terra, em pleno oceano. Felizmente a ciência da época já fornece o indispensável: astrolábios, quadrantes e balestilhas que dão a latitude pelas constelações polares e pelo sol; agulhas, que apontam o rumo magnético: métodos simples de cálculo, como a *roda-das-horas*, o Regimento do Norte e o Regimento do Sol para aproveitamento prático de uns e outros; até já há portulanos, representando os litorais mediterrâneos e as costas da Europa ocidental — e à moda destes últimos deverão ser traçadas as *Cartas Padrões*, isto é as cartas de navegação atlânticas, ainda inteiramente por delinear, pois os pilotos terão de ir para o mar levando-as em branco, à excepção da costa portuguesa e do Estreito de Gibraltar, competindo-lhes enchê-las com os levantamentos geográficos que executarem e as rotas náuticas que traçarem e descreverem nos roteiros. Falta, faltará até o meado do século XVIII, o cronómetro para o cálculo rigoroso da longitude, que até lá terá de ser obtida pela carteação estimada (diziam *fantasiada*) da distância andada aos rumos registados.

É preciso, porém, conjugar tudo isso, que só é conhecido por poucos homens da ciência, trazê-lo do campo do saber abstracto para o plano da prática utilização — e ensiná-lo simplesmente mas claramente à gente rude que terá de aplicá-lo: e é o que o Infante reconhece e põe por obra.

Contrata em Malhorca, viveiro de astrónomos e cartógrafos do tempo, o sábio judeu Mestre Jácome que passa a reger a *escola de pilotagem* inaugurada por D. Henrique no Algarve, seja em Lagos (e há até quem imagine existir ainda o prédio em que funcionou) na

quinta da Raposeira, ou em Sagres (menos provavelmente); pouco importa.

Devem ter sido escolhidos para discípulos marítimos experimentados e inteligentes, já com o mínimo conhecimento das primeiras letras e das quatro operações aritméticas indispensável ao bom e rápido aproveitamento das lições do mestre exímio. De entrada, é positivo que também frequentaram o curso os fidalgos e escudeiros da pequena corte do Infante, pois todos eles nos aparecem nas crónicas precisamente como os primeiros descobridores: Zarco, Tristão Vaz, Prestrelo, Gonçalo Velho, Gil Eanes, Baldaia, Antão Gonçalves, Nuno Tristão, Lançarote de Freitas, Gonçalo de Sintra, etc. Não há incompatibilidade entre quartéis de nobreza e sabedoria náutica, pois muito depois da morte do Infante e da de Mestre Jácome, instruídos por outros professores de que nos não ficaram senão um ou dois nomes, encontramos bem versados na matéria homens da melhor linhagem como Vasco da Gama, Duarte Pacheco Pereira, Afonso de Albuquerque e D. João de Castro. Dotados com os indispensáveis mas suficientes conhecimentos náuticos para navegarem no mar alto fora de vista das conhecenças da terra, isto é capazes de determinarem na carta a posição do navio, de traçarem o rumo a seguir, já os pilotos do Infante podem abalançar-se ao Descobrimento, quer ao longo da costa africana quer pelo largo: assim *acham* Porto Santo e a Madeira, todas as ilhas dos arquipélagos dos Açores e de Cabo Verde (nem se sabe ao certo o que mais, nem quanto mais, na vastidão do Atlântico boreal e austral) e chegam, ainda em vida de D. Henrique, à Serra Leoa, 30 graus de latitude a sul de Lisboa, tudo isso delineando nas cartas em branco. E não descobrem só terras; observam e interpretam também os segredos do mar, as suas correntes de águas, os seus ventos dominantes nas diferentes paragens, até o carácter diverso dos temporais — usando-o em todos os sentidos: e é isso tudo, que é completamente novo, imenso e vem prenhe de consequências formidáveis, aquilo que se designa pela expressão singular, aqui tão adoptada, da *Navegação e Descoberto*.

Deixam de ser usadas exclusivamente as caravelas, porque já não é forçoso voltar às bordadas por navegação à bolina; podem tornar a utilizar-se também os navios redondos, embora incapazes de ganharem para barlavento, porque já se descobriu também a rota em arco de círculo, muito por oeste, sempre com ventos largos, que permite às urcas da Mina regressarem pelos Açores: mas faz-se essa navegação redonda, em segredo, como D. João II o impõe a Pero de Alenquer no episódio palaciano que Garcia de Rezende nos descreve, para que ninguém mais o saiba nas outras marinhas europeias. Durante quase um século o Atlântico, do tópic de Cáncer para as bandas do polo antártico, é deaveras um lago português — graças ao Infante e ao real herdeiro dos seus desígnios.

Veja-se tudo isso, infinitamente melhor dito e cabalmente comprovado, nas obras de Lopes de Mendonça, de Gago Coutinho, de Fontoura da Costa, de Moraes e Sousa e de Quirino da Fonseca, para só citar trabalhos de camaradas, apesar de mais haver, notáveis, de terceiros.

(Continua no próximo número)

milhado duma viúva casta e sóbria? Como rejeitaria as lágrimas daquela que não pedia ouro nem bens temporais, mas apenas a salvação de seu filho?»

Mártir da família, cruelmente experimentada como esposa e mãe, modelo perfeito da mulher

cristã, da verdadeira mulher forte, continua a ser pelos séculos fora, exemplo, alento e amparo de todas as esposas e mães que sofrem dolorosamente, — ela a grande SANTA MONICA.

Maria Matilde